

# DIÁLOGOS PARA O FIM DO MUNDO

*Romance*

**JOANA  
BÉRTHOLO**

PRÉMIO  
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO  
2009

CAMINHO

Título: Diálogos para o Fim do Mundo  
Autora: Joana Bétholo  
© Editorial Caminho, 2010

Design: Rui Garrido  
Fotografia: Lars Schmidt  
Pré-impressão: Leya, SA  
Impressão e acabamento: Mirandela Artes Gráficas, SA

1.<sup>a</sup> edição  
Tiragem: 4000 exemplares  
Data de impressão: Janeiro de 2010  
Depósito legal n.º 304 060/09  
ISBN: 978-972-21-2096-8

Editorial Caminho, SA  
Uma editora do Grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
[www.editorial-caminho.pt](http://www.editorial-caminho.pt)  
[www.leya.com](http://www.leya.com)



*Dieses Buch ist Martin und Matthias gewidmet*  
*This book was almost dedicated to Joe*

*Berlin, 2008*



*Acabomeçar,  
Onde o Princípio do Fim.*

No início  
era o verbo.  
Ele disse,  
— É.  
e depois,

foi mesmo.



## *A Matemática do Infortúnio, Onde o Fim da Infância.*

O século acaba de tornar no Uzbequistão. Torna igualmente noutros lugares, em simultâneo.

Mas naquela região ucraniana, torna tudo difícil, torna tudo áspero, torna tudo, até o século se torna prostrado, sobre o domínio do império russo. Neste entorno político-memorável — que é como quem diz, histórico — nasce uma criança. Nasce sempre uma criança, em qualquer lado onde a fé escasseia e os olhares de humanidade se tornam ao chão. É então que nasce uma criança.

A infância é dura. Pelo menos se justaposta ao cruzeiro feliz que são as infâncias de hoje, navegando por mares de playstations e disneylândias, desenhos animados ao domingo, e agregados familiares com um carro por pessoa. Ali, a infância não tem carro, computador;



ou sequer o que comer. Mas são assim todas as infâncias da vizinhança, e a criança não dá por si estranhando a ausência daquilo que nunca conheceu. Aquela é, para si, a única forma concebível de se ser criança: crua e servil, pobre mas rica em afectos, com frio, quente do regaço da mãe, branca da neve e múltipla de cores — as das histórias à lareira. As histórias que conta Karenynina, sua irmã. As histórias sobre dias melhores. Os dias em que o pai voltará.

A infância é também, e necessariamente, isso. Um pai ausente de quem se guardam imagens enevoadas, um pai que parte para um lugar cheio de nomes, às vezes chamado Longe, às vezes chamado Lá, num sítio chamado Há-de-voltar, também chamado Brasil.

Dizem que é quente, Lá, Longe, do lugar donde ele Há-de-voltar. Será tão quente quanto no regaço da mãe ao pé da lareira, a ouvir Karenynina contar histórias sobre dias melhores?

O país está em guerra<sup>1</sup>.

O pai está no Brasil.

Os restantes homens da família são devorados pelo combate e dá-se já, na curta distância percorrida até esta linha, na curta distância percorrida até aos onze anos dele, o fim do primeiro mundo. Acaba-se a infância.

Da criança fica a carga tomar conta da família, que não é escassa em prole, visto ser essa a única forma de abundância ao alcance. Ser rico em filhos, e ser pobre em pão para lhes pôr na boca.

A criança vende velas e cigarros na rua, que previamente fabrica. Se consegue o suficiente para levar pão e lenha para casa, cessa a urgência do corpo familiar, e apressa-se em satisfazer a sua. Essa outra espécie de fome,

<sup>1</sup> Há sempre um país em guerra. Há sempre uma criança que nasce.



que é a avidez do intelecto, a fome do compreender. Frequenta erraticamente as aulas de matemática.

A criança perante os números:

A primeira vez que vê um homem ser abatido a tiro e cair à sua frente, intransitando a estreita rua que toma com a sua irmã pequenina, Karenyina, Mykhaylo começa a contar. Karenyina também começa a contar, mas histórias. Mykhaylo começa a contar números, a contar objectos, a contar as coisas e as pessoas, a contar tudo o que fosse contável, e a negligenciar tudo o que não se deixe quantificar.

A contar o mundo, a contar os mortos, e os vivos, assim equiparados numa equação, desprovidos de existência que não a numérica. As coisas interessam-lhe muito mais como entidades representativas de um grupo,

\* Quantos candeeiros acesos a caminho da escola?

\* Quantas velas vendo numa hora?

\* Quantos passos dou até ali ao fundo?

Do que como coisas em si,

\* O que é a luz?

\* O que é o sustento?

\* Para quê caminhar?

Mykhaylo conta tudo, tudo o que seja quantificável, e muito pouco não o é. Tudo o que não possa contar, não existe<sup>2</sup>.

Mykhaylo conta por exemplo o número de homens mortos que vê cair à sua frente. Ou ao seu lado. Ou atrás de si. Tem listas diferentes. Vinte e sete vê cair para a frente, ficando a beber da sua própria poça do seu próprio sangue. Um número consideravelmente maior do que aqueles que são jogados para trás, para um dos lados, ou simplesmente para baixo, numa linha vertical perpendicular ao chão. Desse desfalecer tão particular, soma apenas dois.

<sup>2</sup> Quantas vezes partiu o pai? Nunca contou isso.



À noite, antes de dormir, conta o ribombar das bombas. Não tem insónias: é criança e trabalha dezoito horas por dia. Porém, adormece a contar bombas. Isso consola-o.

Tem o silêncio: o silêncio em tempos de guerra não equivale a paz, mas a morte, ou antecipação. Os dias que se seguem às noites de silêncio são geralmente chacinas. Os números tornam-se tão extensos que teme não conseguir contá-los todos, com a precisão exigida, com a precisão que ele mesmo se exige.

É mais o que Mykhaylo não sabe do mundo, do que aquilo que sabe. E isso pode ser dito de qualquer um dos personagens, de qualquer pessoa, de qualquer livro, mas aqui é dito sobre Mykhaylo, porque é ele quem mais gosta de pensar o mundo em quantias equiparáveis.

Mykhaylo cresce na aceitação da matemática do infortúnio, e não vai nunca equacionar se a vida pode ser uma função diferente de factores mais doces, até mais tarde entrar num barco e ouvir uma trompa. Por hora, Mykhaylo tem um nome, Mykhaylo, que é o mesmo nome do seu pai, Mykhaylo. Pai e filho, o mesmo nome. Por hora, Mykhaylo observa a sua mãe do alto dos seus dezoito anos e quase dois metros de altura, Bertha. Mykhaylo olha-a de cima para baixo, para os cento e sete centímetros dela quando sentada na cadeira de baloiço onde passa os dias. Ao pé da lareira, com o pescoço curvado sobre o colo. Cento e onze centímetros se ergue a cabeça para o tentar ver.

Bertha Kozak, uma mulher junto ao fogo e às cinzas de tantos mundos que insistem em colapsar-se em torno dela. Até o mundo, ele mesmo, como sempre o conheceu, até o fim do império russo:

## Primeira Grande Guerra Mundial.





*A Pequena Guerra Mundial,  
Onde se mede a Guerra  
para se saber se ela é Grande?*

Segunda grande guerra mundial, século vinte, cinquenta e cinco milhões.

china de mao século vinte quarenta milhões conquistas mongóis século treze quarenta milhões rebelião de na lushan século oito trinta e seis milhões queda da dinastia ming século dezassete vinte e cinco milhões rebelião taiping século dezanove vinte milhões conflito no iraque século vinte e vinte e um vinte a quarenta milhões guerra dos cem anos século vinte quarenta milhões conquista da américa aos índios séculos quinze a dezanove vinte milhões comércio de escravos no médio oriente séculos sete a dezanove dezanove milhões comércio de escravos no atlântico séculos quinze a dezanove dezoito milhões guerra do vietname século vinte dezoito milhões



invasões de tamerlão séculos catorze e quinze dezassete milhões primeira grande guerra mundial século vinte quinze milhões guerra dos canudos século vinte catorze a vinte milhões guerra civil russa século vinte nove milhões queda do império romano séculos três a cinco oito milhões libertação do congo séculos dezanove e vinte oito milhões guerra dos trinta anos século dezassete sete milhões guerras napoleónicas século dezanove quatro milhões três milhões guerra de tróia século menos dois três milhões guerra das sete semanas século dezanove três milhões guerra civil americana século dezanove três a cinco milhões guerras francesas entre católicos e protestantes século dezasseis três milhões guerras hussitas século quinze um milhão genocídio no ruanda século vinte oitocentos mil guerra do chaco século vinte noventa mil guerra civil espanhola século vinte meio milhão de

mortos.

*É isto o que a Linguagem  
faz de Nós,  
Onde uma Carta aguarda  
numa igreja Ucrâniana.*

Está frio. Mas vai estar frio por uma resma de páginas ainda.

Faz frio em Quieve, Kiev, e em Kyiv. Para o jovem Mykhaylo, que nunca conhecera outro lugar na sua vintenal existência, faz frio Aqui. Para ele, faz frio no mundo todo, se considerarmos que todo o mundo dele é Ali, em Quieve, Kiev, Kyiv, Aqui e Lá. É sempre um só mundo, a distância está somente nos nomes.

Já a seguir vamos poder caminhar junto a Mykhaylo, o que não é Mykhaylo, mas aquele que caminha atrasado para a missa de domingo. Junto a ele, a caminho da catedral de Quieve, donde irá sair com uma carta que não é para si, entramos no contexto dominical de uma *igreja ucraniana*. Todavia, ao dizer *igreja ucraniana*,



por contra qualquer argumento se erigir na terra que os homens concordaram chamar Ucrânia<sup>3</sup>, não me refiro à *igreja ucraniana*. Há igrejas ucranianas da igreja ucraniana, e outras igrejas ucranianas que não são da igreja ucraniana.

As igrejas ucranianas pertencentes à igreja ucraniana representam uma facção do catolicismo ucraniano, a igreja greco-católica ucraniana. Esta diferenciação foi feita para a distinguir das já existentes e dominantes igrejas católica romana e católica arménia. Também deve haver igrejas romanas que não são romanas e igrejas arménias que não são arménias.

É domingo. Mykhaylo, o que não é Mykhaylo, apressa-se para a igreja ucraniana que não é ucraniana.

A neve é mesmo neve, e o frio está mesmo frio.

<sup>3</sup> Mas não vão concordar por muitas páginas.



Capítulos em falta

Este documento é uma selecção a partir do livro

“Diálogos para o Fim do Mundo”

Joana Bértholo, 2008



*A Loucura sempre de mãos  
dadas à Vida e à  
Clarividência,  
Onde Karenyina.*

Uma mulher que chega e traz os olhos no chão como que com pudor, mas envergonhada não está, ao vir expor assim o seu mais íntimo.

Mais que privacidade, quer ter certezas.

Quer saber o que já sabe, se o seu companheiro de cama e vida partilha cama ou vida com outras. E para tal, a louca da Karenyina. A que sabe sempre tudo o que nós também sabemos, mas temos medo de assumir. E Karenyina sabe o que já sabe a mulher dos olhos no chão, de peito arrastado à terra, de alma no fogo que a consome, e com o seu entrar tão falsamente apudorado já Karenyina sabe também ao que ela vem, sem ela ter de dizer nada, muito antes de perguntar,

— O Symon anda a dormir com outras?



Karenyina pausa, suspira, retrocede e relembra lições doutras horas completadas,

— Não te metas nas coisas que transcendem o domínio da Verdade ou da Palavra,

(Que é como quem diz):

— Não te metas no domínio do Amor,

(Que é como quem conclui):

— Esta mulher não quer saber a Verdade, esta mulher quer que o fogo que a consome cesse, esta mulher quer paz e quer um abraço,

(O que esta mulher quer ouvir é):

— A colheita abundante busca aquele que, perante o terceiro rio, sabe compreender como a água deseja voltar para trás.

E logo do peito da mulher se solta um soluço voraz. Como se tivessem as palavras de Karenyina rodado a chave da fechadura de uma porta há muito trancada. Toda ela é alívio e gratidão, enquanto se curva de encontro às mãos de Karenyina, e num gesto de adoração e submissão, lhe agradece, lhe agradece, lhe agradece outra vez. Com uma sofreguidão tal que Karenyina não pode compreender.

Sabe que não reside nela. Nem nas palavras.

Não se atribui a si mesma a importância de um dom que não possui. Não reconhece em si mesmo nenhum poder especial. Karenyina sabe que tem uma forma muito própria de olhar as coisas<sup>14</sup>. Ela compreende o que esta mulher faz das suas palavras, e que não está nela, em Karenyina, que não está sequer nas palavras, mas sim na absurda sofreguidão desta alma por qualquer tipo de consolo. Dissesse Karenyina o que dissesse, esta mulher iria encontrar-lhe entalhe na sua vida.

— A colheita abundante busca aquele que, perante

<sup>14</sup> Não temos todos?

o terceiro rio, sabe compreender como a água deseja voltar para trás.

É preciso um oráculo exterior que megafone aquilo que já se murmura quando simplesmente perguntamos para dentro.

Havia muito mais de incompreensível na natureza dos homens do que o que Karenyina iria alguma vez abarcar. Mas este tão pouco, ela já sabia.

Aceitava com parcimónia e sem vanglória aquele papel que lhe tinha sido atribuído, que ela nunca afirmara querer, excepto talvez no seu jeito irrecusável de se sentar sobre as pernas cruzadas, e perguntar:

— Querem ouvir uma história?

Uma espécie de veículo para as expectativas alheias, uma espécie de rito de decepção, uma espécie de casa à beira do fim do mundo, onde as pessoas iam bater para se certificarem que haveria vida Além. E depois voltarem aos seus afazeres, apaziguadas. Karenyina reparava sempre com renovada fascinação no andar das pessoas quando iam de volta, tão distinto das pernas que as traziam. Sempre notava como caminhavam diferente, quando sabiam para onde iam.

No entanto, para além de toda esta veiculação, havia também uma mulher. Procurando por Karenyina por estas paisagens ucranianas, perguntando a vizinhos e conhecidos, indagando junto a professores e antigos pretendentes, por todo o lado a mesma sumária descrição, por todo o lado apenas,

— Karenyina Kozak?

Apenas,

— A louca,

Dito com admiração e com carinho, o que é difícil de imaginar nestes tempos onde a loucura foi enclausurada num longínquo seguro.



— Karenyna Kozak.

Aquela que vê o futuro, a que sabe o que os outros não sabem, ou fingem ter esquecido. A sua beleza, o seu cabelo vinho tinto, o seu sorriso, a sua brisa e a sua voz, vocalizando sempre aquilo que o peito quer ouvir.

Karenyna é para esta gente como uma terceira rodada de vodka, uma sopa compacta, uma fatia de pão, um abraço comovido, num cenário assim. Devem haver mulheres destas em todos os cenários de guerra e deploração. Planta-as lá o universo para que os homens não desistam, para que os olhos se ergam do chão, para que se lembrem do que é a vida,

- \* o aroma das mulheres,
- \* a leveza das crianças,
- \* as imagens dos anjos na catedral,
- \* um abraço de um camarada,
- \* o nosso nome dito com respeito,
- \* uma noite sem tiros,
- \* um pedaço de pão partilhado entre muitos,
- \* um cão que nos encontra e nos lambe a cara quando nos escondemos a chorar,
- \* uma voz de soprano a cantar no meio da madrugada,
- \* a teimosia de uma rosa vermelha que insiste em desabrochar por entre um manto de neve branca,

E de quão bela pode ser.



Capítulos em falta

Este documento é uma selecção a partir do livro

“Diálogos para o Fim do Mundo”

Joana Bértholo, 2008



*A Felicidade como  
Espécie em vias de Extinção,  
Onde o Tempo de as Coisas  
começarem a Correr Melhor.*

Já afundámos um transatlântico, já destruámos famílias e infâncias num país em guerra, já assistimos ao fim de um amor eterno.

Já morreram crianças de colo, e pais inocentes. Já percorremos uma extensa lista de espécies extintas, na sua esmagadora maioria pela acção do homem. Já sentimos a fome, e frio esteve sempre. Assistimos à morte da mãe, a do filme e/ou a de Michael. E até um homem, que podia ter morrido com estilo, estupidamente se jogou à água<sup>43</sup>.

— Deixa lá, diria alguém, não é o fim do mundo.

Ainda assim, é já tempo de as coisas começarem a correr melhor.

<sup>43</sup> Não se afogou, bateu com a cabeça na aresta do cais, e já chegou à água morto. Nem isso correu bem.



Para as coisas começarem a correr melhor, consideremos um barco. Este barco. A carta, aquela carta, aguardou numa igreja ucraniana. Continha instruções para chegar a documentos necessários à viagem para o Brasil. Estes provaram-se inúteis, por bombardeamento sucessivo de edifícios usados como consulados.

Não houve diplomacia que valesse aos Kozak, senão esse grande Consulado do Amor, com escritórios temporários no peito de Mykhaylo Prutko.

Este, por entre peripécias várias, consegue levar toda a família de Quieve ao norte de França, ao porto de Cherburgo. Ali aguarda-os uma embarcação mercante, com destino em Porto Seguro, no Brasil. De caminho, algures com uma perna no Luxemburgo e os cotovelos apoiados na Bélgica, com uma mão na coxa da Alemanha e outra nos seios de Karenyna, Mykhaylo faz-lhe um filho<sup>44</sup>.

No cais de Cherburgo, ninguém dá por um transatlântico de quatro chaminés que recolhe passageiros abastados e cospe foguetes. Talvez porque ele ainda não lá esteja, ou talvez porque já tenha partido há alguns anos. Se lá estava, nem Karenyna nem Mykhaylo se dariam conta, entretidos que estavam a sentirem-se miseráveis com a sua inevitável despedida<sup>45</sup>. Miserável era também a aparência do seu barco. Nem verdadeiramente de um barco se tratava, mas de uma barca: a mudança de género a acarretar o desprestígio. Se queres denegrir um barco, chama-lhe barca. Se queres mistificar uma barca, chama-lhe arca.

Esta tem o nome da outra mais conhecida, chamam-se ambas Teivath, ou não fosse esta a narrativa mais poupada dos últimos tempos<sup>46</sup>:

<sup>44</sup> Ninguém deu por isso.

<sup>45</sup> As despedidas são como as despedidas sempre são, inevitáveis.

<sup>46</sup> Afinal, para quê multiplicarmo-nos em palavras, se podemos ir dizendo tudo com um conjunto pouco das mesmas? No fundo, não tratam todas do mesmo? Não nos podíamos todos chamar Miguel? Não somos todos a mesma pergunta?



O Teivath, o barco, a barca, a arca, aquele ajuntamento de opções flutuantes, irá onde tiver de ir, chegará onde tem de chegar. Por hora espera tranquilamente, por uns e por outros. Por uns, os que têm de se deslocar através de uma Europa em guerra, com documentos falsos, pavor genuíno, escasso dinheiro e abundantes áureos braços de menina russa. Por outros, marinheiros e náufragos, os que gozam os seus dias em terra a matar saudades dos braços áureos de meninas, russas ou não, e pernas também. O Teivath espera tranquilamente, por uns e por outros.

Só o universo se impacienta.



Capítulos em falta

Este documento é uma selecção a partir do livro

“Diálogos para o Fim do Mundo”

Joana Bértholo, 2008



*“Agradece a quem este Homem,  
que nem é  
Terrivelmente Religioso?”  
Onde os Agradecimentos.*

Obrigada.

A BERLIM.

Ao PAI e à MÃE e à MANA.

À MÓNICA ALVES. São tantas as ideias e conceitos e imagens e dicas e inquietações a creditar-te que simplesmente te deveria atribuir uma co-autoria. Tanta coisa surgiu das nossas infatigáveis conversas, que perco a noção do que é meu, do que é teu, do que é de ambas e do que não é de nenhuma. Um Obrigada, Frau! Sem fim.

Ao GONÇALO BRANCO, inesgotável fonte de confiança.  
Ao DANIEL MELIM, inesgotável fonte de poesia<sup>133</sup>. Ao BRUNO GRILO, inesgotável fonte de frescura.

<sup>133</sup> “Amar é inevitável como a explosão de tudo”...!



Ao PEDRO GALVÃO. Por não ter desistido, e por não me ter deixado desistir.

Ao PEDRO ROCHA. E a todos os valentes que conseguiram sobreviver a primeira versão, essa incomparável travessia no deserto-oceano, e o precioso retorno que me deram: FREDERICO DUARTE, BRUNO CARACOL, PEDRO MARQUES, JOÃO SILVA, NUNO LUZ, RAQUEL FELICIANO, RITA MARQUITO e PATRÍCIA BATEIRA.

Um obrigada especial à CAMINHO pelo voto de confiança.

E um Dankeschön especial aos amigos que aturaram o fim-do-mundo-com-pernas que fui eu naquele ano em Berlim durante a escrita deste livro: JOHANNES KOBLENZ, BARBARA BICHLER, AURÉLIE MOIGNO, NIKITO, ALBIO NASCIMENTO, BEATE KIESER, ANDREIA ALMEIDA, LARS SCHMIDT, STEFA ROTH, JULIA PAAB, MÁRCIO BARCELOS, MEENA KADRI e ERROL BAILEY.

Obrigada! a alguém que não mencionado, não foi por isso esquecido.





*“Se formos por Todos os Lados,  
Havemos de Lá chegar”,  
Onde os Créditos.*

Esta narrativa não tem fundamento histórico ou biográfico.

Mas muitos livros foram lidos, muitos filmes projectados, muitas conversas regadas a café e/ou cerveja, sky-pes entre capitais europeias, projectos onde se trabalha, homens por quem nos apaixonamos, ou espectáculos onde durante duas horas, apenas um homem no centro do palco, a tocar uma única nota na sua trompa. Parecia um navio.

Chegou o barco, e as coisas começaram logo a correr melhor.

Todo este trabalho de bastidores pode nem ter interesse para quem lê, mas sinto que algumas coisas merecem ser creditadas:



O ponto de partida disto tudo, logo desviado no diálogo com outras coisas, foi a singular vida de um grande empreendedor social chamado Leon Pfeffer. Pfeffer foi um inovador do sector do papel no Brasil, na década de cinquenta. É considerado hoje um dos maiores beneméritos brasileiros, e criou dezenas de organizações sociais. Nasceu na Ucrânia, donde fugiu ainda adolescente, por ser judeu. Foi ter com o seu pai ao Brasil, onde levou uma vida admirável.

Na altura dos primeiros parágrafos eu trabalhava num projecto que viria a mudar a minha vida em demasiados sentidos. *The Table of Free Voices* é um filme, e um projecto da plataforma [droppingknowledge.org](http://droppingknowledge.org). O andamento daquelas indescritíveis horas de edição-saturação, e aquela sensação cósmica de caucofonia, marcaram o ritmo que definiria toda a escrita deste livro.

Depois foi todo um acumular de sincronicidades — ou eu sempre em busca delas. Houve um episódio que particularmente me encantou: na chegada ao barco apareceu na narrativa uma pequenina de caracóis, que só mais tarde começou a correr atrás de um cão e, durante muito tempo, ambos sem nome. Quando me ocorreu chamá-la Anastasyia, fui pesquisar a origem do nome:

“Sua Alteza Imperial a Grã-Princesa Anastácia da Rússia (1901, 1918), filha mais nova do czar Nicolau II e da imperatriz Alexandra Fiodorovna, os últimos governantes autocráticos da Rússia imperial. Irmã mais nova de Olga, Tatiana Nikolaevna Romanov e da Grã-Duquesa Maria Nikolaievna, e irmã mais velha de Alexei Romanov. Adorava animais e tinha sempre os seus dois cães, Shvibzik e Jimmy, ao seu lado.” Três irmãs, um irmão, cães e cabelos em canudos — perfeito.

Como toda a família real foi assassinada, mas apenas o corpo da pequena Anastácia nunca foi encontrado,



nem a sua morte foi alguma vez confirmada, e como as datas coincidem com o zarpar do Teivath fictício, acedi a partir daí a tratá-la com as honras de uma imperatriz. Era a nobreza que faltava à nossa humilde embarcação.

Sobre São Miguel, o arcanjo, e as suas múltiplas interpretações iconográficas, valeu-me o trabalho da doutora Adalgisa Arantes Campos, da Universidade Federal de Minas Gerais: *São Miguel, as Almas do Purgatório e as balanças: iconografia e veneração na Época Moderna*, Memorandum 7.

As referências ao Titanic são provenientes de diversas fontes audiovisuais e online. Michel Lawry é totalmente fictício.

A lista de animais extintos deriva de listagens publicadas online pela WWF e sites diversos dedicados a espécies extintas. As espécies que ainda<sup>134</sup> não estão extintas, obviamente, adicionei-as eu.

As referências às técnicas de navegação provêm de variadas fontes, sobretudo documentação sobre os descobrimentos portugueses. A descrição do manuseio do astrolábio está disponível no site do Instituto Camões, da autoria de Nuno Crato.

A fonte principal para as traduções muito livres d'O *Crepúsculo dos Deuses* foi a tradução de Stewart Spencer e Barry Millington, *Wagner's Ring of the Nibelung*, da Thames & Hudson.

Outros livros em diálogo directo com a actividade da escrita foram: *Apocalypses*, de Eugen Weber; *The Myth of the Eternal Return: Or, Cosmos and History*, de Mircea Eliade; *How We Believe*, de Michael Shermer; *The Apocalypse Reader*, de Justin Taylor (ed.); *The End of Faith*, de Sam Harris; *Science and the Akashic Field. An integral theory of everything*, de Ervin Lazlo; *Sete Propostas para o Próximo*

<sup>134</sup> Ainda.

*Milénio*, de Italo Calvino; *Antes do Degelo*, de Agustina Bessa-Luís; *Aprender a Rezar na Era da Técnica*, de Gonçalo M. Tavares e *A Comunidade que Vem*, de Giorgio Agambem.

O filme que recorrentemente é citado é o *Oito Mulheres e Meia*, de Peter Greenaway. De forma mais discreta também estão citados nas entrelinhas: *Andrei Rubliev*, de Tarkovski; *The Wild Blue Yonder*, de Herzog; *Muriel ou Le temps d'un retour*, de Alain Resnais; e *Bis ans Ende der Welt*, de Wim Wenders.

“Lis” é “Floresta” em ucraniano.